

## APRESENTAÇÃO

A proposta de agrupar neste número da revista *Cadernos* artigos que contribuíssem para a discussão de diferentes formas de pensar a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais acompanha a preocupação com a observação científica e rigorosa das vivências em sociedade em momentos diversos.

Em 2014, quando comemoramos os 50 anos de existência do CERU, discutimos em mesa-redonda como a pesquisa era marca constituinte da instituição. Chamamos a atenção para sua atuação, que tem se manifestado para um público mais amplo por meio da revista *Cadernos* e outras publicações (Coleção Textos), trazendo as contribuições dos pesquisadores de várias instituições nacionais e internacionais (DEMARTINI, 2014). Apontamos a preocupação com vários campos: sociologia, antropologia, história, geografia, literatura, psicologia, economia, estatística e cinema, entre outros.

Também demos destaque à visão diacrônica dos fatos sociais procurando focalizar a diversidade e as desigualdades sociais em vários contextos e épocas. As pesquisas realizadas e publicadas também abordaram temas os mais variados, incorporando sujeitos com pertencimentos sociais diversos: populações rurais e urbanas, diferentes grupos étnico-sociais, migrantes e imigrantes e outros pertencimentos.

Por meio das pesquisas realizadas e apresentadas em suas publicações e encontros, sempre esteve presente a ênfase na prática da pesquisa rigorosa e questionadora, pautada na discussão teórica dos problemas investigados e na reflexão sobre todas as etapas da pesquisa, assim como a dimensão ética, com o respeito aos sujeitos, grupos e instituições envolvidos nas investigações.

A revista *Cadernos* tem procurado contribuir para a incorporação de novos olhares sobre a realidade social e os diferentes sujeitos, com a discussão de diferentes metodologias de pesquisa. Este número atual insere-se nesse desafio que é enfrentado pelos pesquisadores nos dias atuais.

Nossa preocupação com a pesquisa não envolve somente os estudos realizados no Brasil, mas também investigações que nos chegam ao conhecimento de outros países, como, por exemplo, a contribuição da Escola de Chicago para o desenvolvimento da Sociologia contemporânea. Assim, há alguns números atrás foi apresentada uma tradução feita pelo então diretor-presidente do CERU de um trabalho muito importante de Blumer que discutia o que fazia a assim chamada Escola de Chicago ser considerada uma escola sociológica. No atual número, outro famoso trabalho dessa mesma escola vem divulgar, por meio de mais uma primorosa tradução, um estudo antigo e bastante conhecido nos meios sociológicos sobre a imigração polonesa para os Estados Unidos, estudo esse feito por meio da análise da correspondência trocada entre os poloneses ainda residentes na Polônia e seus parentes emigrados para a terra do Tio Sam. Esse texto foi novamente traduzido por Mário Eufrásio, o que valoriza ainda mais este feito do CERU, que é dar a conhecer, de forma completa, um estudo ímpar na história dos estudos que vieram a compor a história do desenvolvimento de uma área científica que, por ter se desenvolvido posteriormente, corria o risco de ficar sempre a reboque de outros domínios do

conhecimento. Felizmente, quando a Sociologia surgiu, na primeira metade do século XIX, encontrou um terreno fértil e pôde conquistar rapidamente o terreno aparentemente perdido para áreas concorrentes. Só os artigos incluídos neste número já dão provas de que não há mais terreno perdido a ser reconquistado. Se não, vejamos.

A seguir ao trabalho de Mário Eufrásio, vem um texto de Roberto Heloani e Eduardo Pinto e Silva, dois pesquisadores de importantes universidades paulistas, a UNICAMP e a Universidade Federal de São Carlos, que discutem aspectos teórico-metodológicos das pesquisas nas Ciências Sociais nos campos da saúde mental e do trabalho. Trata-se de um estudo que aprofunda as vantagens da adoção de estudos quanti-e qualitativos em pesquisas bem como do enfoque teórico interdisciplinar. O ponto central é o conceito de desgaste mental no trabalho com interlocução de distintos modelos teóricos. Aumenta o interesse pelo estudo o fato de que os grupos ocupacionais enfocados são categorias profissionais aparentemente muito díspares, ou seja, guardas municipais e jornalistas. Os autores defendem a utilização da perspectiva histórico-dialética e psicodinâmica para o estudo do campo da saúde mental e do trabalho.

O artigo de Gláucia Villas Bôas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aproveita dois trabalhos, um de Hannah Arendt e outro de Friederike Zweig (a primeira mulher de Stefan Zweig) contendo críticas severas a Stefan Zweig, escrito quando ambas estavam exiladas em New York, a respeito de uma obra publicada por Stefan Zweig “Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu”. Arendt aproveita a circunstância de que tanto ela como Stefan Zweig eram judeus, para ter a liberdade de tecer suas críticas ao colega escritor e de mesma origem etno-cultural. A insegurança de Stefan Zweig explica alguns silêncios deste sueco internacionalmente conhecido. Villas Bôas mostra como a leitura dos estudos das duas escritoras lhe permitiu entender melhor o legado de Stefan Zweig, bem como entender melhor o que se deve guardar para si e o que se tem a obrigação de trazer a público no que se refere à esfera pública.

Seguindo a ordem do Sumário, vem o artigo de Elizeu Clementino de Souza e Rosiane Costa de Sousa sobre a importância da pesquisa autobiográfica, principalmente nos campos da educação e da saúde, ao abordar o fenômeno do adoecimento docente e suas interfaces com o mundo do trabalho. Elizeu Clementino é pesquisador 1B do CNPq e professor titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Rosiane de Sousa é doutora em Educação pela Universidade do Estado da Bahia e professora da rede municipal de Valença (BA). Ambos são membros do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO) da UNEB. A pesquisa (auto)biográfica construiu um espaço fundamental desde a criação da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica e a realização dos Congressos bianuais da instituição que passaram a estimular e agrupar pesquisas baseadas em diferentes fontes, mas sempre com o enfoque da abordagem biográfica: documentos escritos de várias naturezas (cartas, cadernos, diários, mensagens e narrativas orais também construídas de múltiplas formas (depoimentos, histórias de vida, gravações em vídeos etc.). Neste artigo, os autores recorrem à análise de diários de cinco professores, sob a perspectiva interpretativa-compreensiva, constatando que os depoimentos evidenciam experiências de adoecer no enfrentamento das condições de trabalho. Destacam que o projeto de refiguração da profissão é mediado pela escrita dos docentes

como dispositivo de resistência, de aprendizagem com a doença e a preocupação com os cuidados de si. Trata-se de pesquisa qualitativa que, ao abordar a temática tão importante, ainda mais acentuada pela pandemia, coloca em discussão as condições objetivas e subjetivas das experiências dos professores, fundamentais para a compreensão das problemáticas docentes e discentes do campo educacional.

Em sequência, o texto da argentina Gabriela Novaro, antropóloga e professora da Universidade de Buenos Aires, trata de uma área pela qual os pesquisadores do CERU têm uma especial predileção, as migrações internacionais. Em seu estudo as questões consideradas referem-se aos bolivianos na Argentina. Neste artigo são sistematizadas algumas reflexões metodológicas baseadas na pesquisa etnográfica qualitativa no campo da migração e da educação. Percebe-se a importância de continuar trabalhando e permanecendo no território para acessar as experiências de diferentes atores e os significados locais de categorias que resultam em nodais. A autora mostra as potencialidades da etnografia para compreender e ao mesmo tempo se distanciar desses significados, bem como os riscos de complementar atividades mais tradicionais associadas à pesquisa qualitativa (observação, entrevistas, reconstrução de trajetórias biográficas) com experiências de intervenção sustentadas na localidade: oficinas em escolas, acompanhamento de projetos de alfabetização, participação nas rádios comunitárias.

O estudo de José Edimar de Souza e Cristian Giacconi, dois pesquisadores do Rio Grande do Sul, o primeiro, doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo) e professor e pesquisador da área de Humanidades e de Educação e História da Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul).<sup>1</sup> Doutorando em Educação na Universidade de Caxias do Sul (UCS), o segundo doutorando, bolsista CAPES/PROSUC e mestre em Educação e pesquisador da área de Humanidades e de Educação da UCS, investiga a abordagem metodológica da análise documental em pesquisas qualitativas de fenômenos sociais. Sua abordagem epistemológica é inspirada na perspectiva da História Cultural. Nesse sentido, a mobilização conceitual procura dar sentido e significar as fontes documentais tratadas pelos autores ao compor seus objetos de investigação. A discussão está organizada com base em dois eixos, o primeiro analisa as diferentes formas e usos desta metodologia em pesquisas das áreas humanas e sociais, os critérios teóricos e metodológicos que o pesquisador deve compreender ao trabalhar com este tipo de fonte, bem como algumas sugestões metodológicas para efetivação de pesquisas em História da Educação; o segundo refere-se ao modo como os autores operacionalizaram, buscaram acessar e inventariaram os documentos históricos, bem como apresenta os acervos acessados e as formas de categorização diante do conjunto empírico documental histórico compulsado.

O texto que é apresentado a seguir foi escrito por Yvone Dias Avelino, historiadora e professora titular da PUC-SP. A autora busca recuperar os caminhos percorridos por famosos pesquisadores, desde a verdadeira “revolução” causada pelos historiadores participantes da Escola dos Annales francesa, nas suas diferentes gerações, e como a historiografia incorporou tais ideias, objetos e sujeitos, não apenas os grandes fatos e personagens políticos, mas ideias, costumes, imagens e mentalidades em cada um

dos seus períodos. Desde 1929, com Lucien Febvre e Marc Bloch, até a atualidade com Roger Chartier e outros, mostra que a História, indo, em cada etapa, em direção a novas abordagens, visa à compreensão e interpretação de temáticas variadas. Traz exemplos pontuais de pesquisas, procurando colaborar para a devida discussão dessas suaves e, às vezes, bruscas mudanças, gerando novos diálogos interdisciplinares e a valorização da subjetividade do pesquisador.

O objetivo do trabalho seguinte, de autoria de Vivian Prado Pereira, doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCSO/UFJF) e mestre em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ), consiste em apontar as principais contribuições do cientista social Lucio Kowarick para o campo da Sociologia Urbana brasileira. Para isso procurou resgatar a gênese da construção do urbano enquanto questão pelas ciências sociais no Brasil e o papel desempenhado por Kowarick tanto na ocasião da emergência do debate, quanto no desenrolar da construção do tema com o passar dos anos, refletindo sobre o legado por ele deixado. Salienta seu engajamento com a empiria e a busca por interpretações consistentes acerca das características e nuances da realidade urbana brasileira. Destaca o gosto do autor com o campo das pesquisas urbanas no Brasil e seu empenho para promover uma construção teórica coletiva.

O estudo de Luciano Fiscina, psicólogo com mestrado em História da Ciência pela PUC-SP e doutorado em Psicologia Social pelo IP-USP, apresenta um ensaio fenomenológico da casa-afetiva procurando descrevê-la no âmbito das vivências autobiográficas que conferem formas elevadas de compreensão da vida no domínio poético da imagem, da lembrança e da linguagem. Busca representar uma corrente da fenomenologia cuja convergência reflete uma hermenêutica em que as regiões de pertencimento e enraizamento participam de certa ontologia fundamental da temporalidade da existência humana. Parece uma matéria ao alcance de uma psicologia social que busca, no exame da micro história, a estrutura poética da memória que desvela o sentimento de um habitar. Vai em busca desse tempo autobiográfico originário do *Ser* no qual são encontradas as relações de pertencimento.

O artigo de Patrícia Dias Prado, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na área da Infância, mestre e doutora em Educação pela UNICAMP, pós-doutora em Artes Cênicas pela ECA-USP e coordenadora do Grupo de Pesquisa *Pesquisa e Primeira Infância: linguagens e culturas infantis* (FEUSP) e Adrielle Nunes da Silva, pedagoga e mestre em Educação pela FE-USP, está finalizando a licenciatura em Arte-Teatro pelo Instituto de Artes da UNESP/SP, é membro do Grupo de Pesquisa *Pesquisa e Primeira Infância: linguagens e culturas infantis* (FEUSP), apresenta o desafio metodológico de construção de pesquisas com bebês e artistas. Aborda assim o estudo dos sujeitos ainda muito pouco estudados mesmo no campo da Sociologia da Infância. Na interface com o campo das artes, as autoras discutem a pesquisa de campo das artes, as autoras discutem a pesquisa de campo com observação de mais de sessenta espetáculos infantis nacionais e estrangeiros, analisando-os sob diferentes perspectivas, especialmente as relações estabelecidas com as plateias. Além dessa etapa, selecionaram para análise e observação em profundidade quatro espetáculos nacionais para bebês, realizando entrevistas com os artistas.

Colocam para os leitores, como resultado, a problemática que consideram central de que os bebês se constituem como expectadores emancipados, contribuindo assim com

novas concepções de infância e novos desafios às pesquisas sobre sujeitos muito pequenos.

Também a pesquisa realizada por Ingrid Gil Sales Carvalho, doutoranda em Estado e Governança Global pela Universidade de Salamanca-Espanha e mestre em Antropologia Ibero-americana pela USAL, mestre em Saúde, Ambiente e Trabalho pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), bacharela em Direito pela Universidade Católica do Salvador (USAL), por Daniel Valério Martins, pós-doutor pelo Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), doutor em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Salamanca-Espanha (USAL), doutor em Educação pela Universidade de Burgos-Espanha, mestre em Antropologia Ibero-americana pela USAL e Juliete da Paixão Vidal, mestra em Cooperação Internacional pela USAL, Valladolid, León e Burgos, bacharela em Direito pela Universidade Católica do Salvador (USAL), trata de um grupo específico de sujeitos: analisa a comunidade quilombola de pescadores artesanais e marisqueiras da Ilha da Maré, localizada na Bahia.

Para tanto, além da revisão documental e bibliográfica, recorreram à observação participante e à realização de entrevistas semiestruturadas, tendo adotado como referencial a perspectiva do pluralismo jurídico e do direito ambiental para o estudo dessa comunidade considerada excluída social-histórica, econômica e culturalmente. O estudo de caso realizado coloca questões importantes para a discussão de políticas que atendam não só às necessidades dos quilombolas, mas do meio ambiente nos dias atuais.

Uma discussão importante e inovadora é desenvolvida na pesquisa apresentada por André Yan Cesar Silvério, psicólogo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, atuando no Centro de Atenção Psicossocial da Prefeitura Municipal de Pitangueiras. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Pública sobre instituições prisionais, em que confronta metodologicamente duas posições relacionais no processo: a que denomina de pesquisa tradicional, em que há uma separação entre o pesquisador e a prisão (posição externa) e a posição interna em que ocorre a vivência involuntária do sujeito na instituição prisional. O artigo aprofunda a reflexão sobre as dificuldades e possibilidades investigativas da posição interna para a realização de pesquisas em instituições prisionais, universo caracterizado, como bem mostra o autor, por controles formais e informais, por desconfiança, entre outros elementos. Trabalhou com a proposta de se respaldar na ferramenta da cartografia para se utilizar dos agenciamentos afetivos do território prisional e na auto etnografia.

Longo, o texto contribui com discussões fundamentais não só sobre as prisões, mas sobre o próprio pesquisador, principalmente por ter realizado durante o processo interlocuções práticas e teóricas multidisciplinares pouco exploradas. Trata-se de texto importante também para a discussão de pesquisas sobre outras instituições e temas em Ciências Humanas e Sociais.

Complementam os diferentes estudos e abordagens desse número da revista três importantes artigos que, tratando de temáticas distintas, realizam uma ponte entre a pesquisa mais acadêmica e sua interlocução e intervenção na realidade social.

Roger Marchesini de Quadros Souza, pesquisador coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas Sociais e Políticas em Fracasso Escolar – GEPESP e doutor pela PUC-SP, José Cláudio Diniz Couto, doutor pela Universidade Metodista de São Bernardo, e Luzia

Serapicos Martins Diniz Couto, ambos pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisas Sociais e Políticas em Fracasso Escolar – GEPESP, realizaram um estudo adotando a metodologia da pesquisa-ação com estudantes de duas escolas públicas de Educação Básica de São Paulo para o desenvolvimento de trabalhos de iniciação científica junto aos alunos. Os autores relatam como, com a pandemia, o processo de pesquisa sofreu alteração, pois a atuação não pode mais ser presencial. Conseguiram continuar com a orientação, apesar das dificuldades que, para os orientadores, como abandono do projeto por oito dos onze alunos do Ensino Médio. Entre essas dificuldades, cita-se o difícil estabelecimento de um diálogo mais próximo de relações intragrupo. Os autores discutem no artigo as implicações que o distanciamento social e a orientação à distância trouxeram para o desenvolvimento da pesquisa-ação com todos os seus pressupostos, embora tenham conseguido que parte dos alunos obtivessem bons resultados com relação ao projeto de iniciação delineado inicialmente.

Abordando a problemática do uso de insumos agrícolas entre agricultores de região pobre do Estado de São Paulo, Maria Helena Rocha Antuniassi, professora titular aposentada da UNESP e pesquisadora do CERU, realizou uma pesquisa-ação na modalidade observação participante que evidenciou para os agricultores (e agrônomos) como há um desconhecimento das normas correntes de uso, que podem comprometer a saúde dos mesmos e a qualidade dos produtos em geral. Coloca, assim, a necessidade de formação dos agricultores e acompanhamento de suas atividades, por parte das instituições e do Estado.

O pesquisador chileno Bernardo Muñoz, da Universidade de Santiago do Chile, contribui para as decisões sobre os diferentes usos da pesquisa sociológica, ao apresentar uma proposta elaborada visando ao desenvolvimento econômico e social de seu país, por meio da atividade turística. Os objetivos da proposta para o desenvolvimento do programa “Todo Chile es un Torres del Paine” seriam gerar um ambiente facilitador para um desenvolvimento turístico sustentável, inclusivo, com identidade cultural e melhor distribuição dos benefícios da riqueza turística para as gerações futuras. O autor analisa a situação do Chile e propõe linhas programáticas, que detalha para que as atividades consigam atingir a missão e os objetivos propostos. Trata-se de texto que pode contribuir para a discussão sobre como as políticas de Estado estão, ou não, atuando com relação ao turismo no Brasil.

O texto é interessante também por chamar a atenção para a necessária atuação dos cientistas na melhoria da realidade social.

Duas resenhas de pesquisadoras da área de Ciências Sociais apresentam ao leitor obras publicadas que tratam de deslocamentos no Brasil, importantes para os estudiosos das migrações.

Maria Catarina Chitolina Zanini destaca o livro de Rafael Bezerra Gaspar – “O Eldorado dos Gaúchos”, de 2013, sobre o deslocamento de agricultores do sul do país e seu estabelecimento no leste maranhense, processo migratório vinculado ao crescimento do “agronegócio” nessa região, iniciado nos anos de 1980. A pesquisadora observa que o autor procura apontar quais seriam os agentes que, no campo específico do “agronegócio” maranhense disputavam terra e distinção, apoiando-se para tanto também em referenciais de Pierre Bourdieu e Norbert Elias. A pesquisa focou os chamados gaúchos antigos e

contou com a colaboração dos mesmos, por meio de conversas informais e entrevistas gravadas. Discute questões importantes sobre a complexidade dessa categoria gaúcho e como esse processo de migração interna se apresenta para esses gaúchos como uma possibilidade de reprodução da condição de produtores rurais. Catarina considera o estudo bem elaborado, conduzindo novas reflexões sobre a situação particular do nordeste brasileiro e os encontros entre diferentes formas de se trabalhar e viver a terra.

Zeila de Brito Fabri Demartini, graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, pós-graduação em Sociologia e com doutorado em Ciências Humanas – Sociologia pela Universidade de São Paulo, é pesquisadora 1C do CNPq, professora doutora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e diretora de pesquisa do Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Pesquisa e publica principalmente sobre os seguintes temas: histórias de vida, imigração japonesa, portuguesa e africana, educação escolar e não escolar, infância e juventude no Estado de São Paulo. Neste número dos Cadernos colabora com a resenha sobre a obra disponibilizada online “Dezesseis Impactos da Pandemia de Covid-19 nas Migrações Internacionais no Brasil” dos autores Fernandes, Baeninger, Castro, Balieiro, Rocha, Borges, Magalhães, Demétrio e Domeniconi, publicada em 2020. Destaca sua importância e as duas grandes contribuições dessa obra, que são fundamentais aos estudiosos do tema das migrações internacionais: de um lado, a discussão sobre o processo metodológico que foi sendo construído para se ter acesso aos migrantes, e, de outro, o detalhamento das condições histórico-sociais dos processos migratórios e especialmente o que os resultados dos levantamentos realizados nas várias regiões/estados do Brasil permitiram constatar.

Realizadas em tempo relativamente curto, a pesquisa sobre os impactos da pandemia nas migrações internacionais no Brasil consistiu em um levantamento de campo online realizado entre maio e julho de 2020, portanto, nos primeiros meses de sua incidência no território brasileiro. O processo de pesquisa desenvolvido para o trabalho de campo remoto acabou tendo três frentes, segundo os autores: manteve o link disponível para respostas espontâneas; os agentes intermediários/instituições também realizaram entrevistas, principalmente por WhatsApp e imigrantes-mediadores impulsionaram a efetivação da pesquisa nas diferentes regiões do Brasil na articulação intermediários-mediadores-sujeitos da pesquisa.

Na obra, com base nos resultados obtidos, os pesquisadores procuram chamar a atenção para o fato de que dimensões culturais, dinâmicas familiares, arranjos domiciliares e formas de inserção laboral condicionam diferentes vulnerabilidades à crise econômica e sanitária, que a pandemia potencializou para parcela grande dos entrevistados em piores condições de inserção.

Trata-se de obra fundamental para todos os que estudam as migrações internacionais atuais e para as instituições que atuam junto aos imigrantes.

*Zeila de Brito Fabri Demartini*

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, pós-graduada em Sociologia e doutora em Ciências Humanas – Sociologia pela Universidade de São Paulo, é pesquisadora 1C do CNPq, professora doutora da Universidade Estadual de Campinas

e diretora de pesquisa do Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Pesquisa e publica principalmente sobre os seguintes temas: histórias de vida, imigração japonesa, portuguesa e africana, educação escolar e não escolar, infância e juventude no Estado de São Paulo.

*Maria Christina Siqueira de Souza Campos*

Graduada em ciências políticas e sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pós-graduada em Ciências Sociais na FFCL da USP, doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Duisburg (Alemanha), professora associada da FEA-RP, USP, professora emérita da USP, diretora de publicações do Centro de Estudos Rurais e Urbanos - CERU, da USP, publica principalmente nas áreas de família, educação, migração portuguesa para o Brasil.